

## Fatores que contribuem para a juvenilização na EJA

**Resumo:** O presente trabalho apresenta os resultados da pesquisa realizada como Trabalho de Conclusão de Curso de graduação em Licenciatura em Pedagogia, cujo tema referia-se ao processo de juvenilização na Educação de Jovens e Adultos (EJA). A metodologia de pesquisa foi de abordagem qualitativa, com pesquisa de campo. Os sujeitos da pesquisa foram alunos jovens das turmas de EJA II, dois professores e dois coordenadores pedagógicos. A base teórica que sustenta a pesquisa é fornecida pelos estudos de Carrano (2007), de Freire (1987), de Andrade (2006) e de Arroyo (2017). No trabalho, foi possível constatar que o número de alunos com a idade de 15 a 19 anos matriculados na EJA é alto. As causas para a juvenilização são muitas, porém, a principal é a reprovação em outras modalidades educacionais, que também está relacionada às implicações pedagógicas, além dos problemas vividos fora da escola. Diversas alterações se tornam imperativas na organização pedagógica da EJA, mas a pesquisa aponta e dá destaque para a urgência de mudanças no currículo.

**Palavras-chave:** EJA. Sujeitos. Jovens. Adultos. Juvenilização.

### Factors that contribute to youthfulness in Youth and Adult Education

**Abstract:** The present work presents the results of the research carried out as a Conclusion Work for an undergraduate degree in Pedagogy, whose theme referred to the process of youthfulness in Youth and Adult Education (EJA). The research methodology was a qualitative approach, with field research. The research subjects were young students from EJA II classes, two teachers and two pedagogical coordinators. The theoretical basis that supports the research is provided by the studies of Carrano (2007), Freire (1987), Andrade (2006) and Arroyo (2017). At work, it was found that the number of students aged 15 to 19 years enrolled in EJA is high. The causes for youthfulness are many, however, the main one is failure in other educational modalities, which is also related to the pedagogical implications, in addition to the problems

#### Ana Paula dos Anjos de Souza Borges

Graduada em Pedagogia (UNEB). Bahia,  
Brasil.

 [orcid.org/0000-0002-5223-4883](https://orcid.org/0000-0002-5223-4883)

✉ [anapaulahp22@hotmail.com](mailto:anapaulahp22@hotmail.com)

#### Carla Jovina de Oliveira Alves

Graduada em Pedagogia (UNEB). Bahia,  
Brasil.

 [orcid.org/0000-0001-5085-9049](https://orcid.org/0000-0001-5085-9049)

✉ [carlajovina@gmail.com](mailto:carlajovina@gmail.com)

#### Ana Jovina Oliveira Vieira de Carvalho

Mestra em Educação e  
Contemporaneidade (UNEB). Professora  
Assistente do Departamento de Ciências  
Humanas - *campus IX* da Universidade do  
Estado da Bahia (UNEB). Bahia, Brasil.

 [orcid.org/0000-0001-6288-0654](https://orcid.org/0000-0001-6288-0654)

✉ [ajcarvalho@uneb.br](mailto:ajcarvalho@uneb.br)

Recebido em 14/10/2020

Aceito em 07/12/2020

Publicado em 25/02/2021

eISSN 2675-1933

 [10.37853/pqe.e202111](https://doi.org/10.37853/pqe.e202111)



experienced outside school. Several changes become imperative in the pedagogical organization of EJA, but the research points and highlights the urgency of changes in the curriculum.

**Keywords:** Youth and adult education. Subjects. Young. Adults. Youthfulness.

## **Factores que contribuyen a la juventud en la Educación de Jóvenes y Adultos**

**Resumen:** El presente trabajo presenta los resultados de la investigación realizada como Trabajo de Conclusión para una licenciatura en Pedagogía, cuya temática se refirió al proceso de juventud en la Educación de Jóvenes y Adultos (EJA). La metodología de investigación fue un enfoque cualitativo, con investigación de campo. Los sujetos de investigación fueron jóvenes estudiantes de las clases de EJA II, dos profesores y dos coordinadores pedagógicos. La base teórica que sustenta la investigación la brindan los estudios de Carrano (2007), Freire (1987), Andrade (2006) y Arroyo (2017). En el trabajo, se encontró que el número de estudiantes de 15 a 19 años matriculados en EJA es alto. Las causas de la juventud son muchas, sin embargo, la principal es el fracaso en otras modalidades educativas, lo que también se relaciona con las implicaciones pedagógicas, además de los problemas vividos fuera de la escuela. Varios cambios se vuelven imperativos en la organización pedagógica de EJA, pero la investigación apunta y destaca la urgencia de cambios en el currículo.

**Palabras clave:** Educación de jóvenes y adultos. Asignaturas. Joven. Adultos. Juventud.

### **1 Introdução**

A Educação de Jovens e Adultos (EJA) é uma modalidade de ensino da Educação Básica destinada às pessoas que, por diversas questões, não tiveram acesso e/ou evadiram da escola, retornando ao sistema de ensino com grande defasagem entre idade e série. Esta modalidade é definida pelo artigo 37 da Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional (LDB), a Lei n. 9.394/96, que diz que a EJA será destinada àqueles que não

tiveram acesso ou continuidade de estudos no ensino fundamental e médio na idade própria.

A EJA é a garantia do acesso e permanência na Educação formal, pública e de qualidade para todos, como é descrito e assegurado pela Constituição Federal de 1988; deve ter organização curricular e metodologias adequadas para atender às especificidades do público jovem, adulto e idoso.

Essa modalidade da Educação Básica tem um papel importante para formação humana, porque, através dela, o jovem, o adulto e o idoso têm a possibilidade de aprimorar sua consciência crítica, além de se qualificar para o mercado de trabalho. O perfil do público da EJA, ao longo de sua história de lutas, tem mudado, como abordam Carrano (2007), Freire (1987), Andrade (2006), Arroyo (2017), Pedroso, Volpin e Mazzeu (2021); esses autores fazem reflexões sobre a transformação do público da EJA, que vem sendo modificado por vários fatores.

O jovem tem procurado cada vez mais a EJA para a continuação dos estudos; vale destacar que, inicialmente, a EJA foi criada para as pessoas que não concluíram os estudos na idade certa, isto é, adultos e idosos analfabetos.

Pela condição de terem que trabalhar e não terem tido condições que permitissem o estudo formal na idade correta, retornando anos mais tarde à escola, a EJA sempre atendeu mais a adultos e a idosos. Desta forma, todo o trabalho pedagógico é orientado para o público nessa faixa etária. Contudo, nas últimas décadas, vem acontecendo um aumento substancial de jovens nesta modalidade de educação, o que vem chamando a atenção e preocupando pesquisadores e profissionais da educação; esse fenômeno é conhecido como a **juvenilização** na EJA.

O interesse em pesquisar este tema se destacou a partir de uma experiência com esta modalidade em um dos estágios supervisionados no curso de licenciatura em Pedagogia, cuja atuação foi em turma da EJA. Ao ter o primeiro contato com os alunos dessa modalidade, chamou-nos atenção o fato de haver um aumento abissal de jovens-adolescentes nas turmas de EJA; a maioria dos alunos da turma tinha idade entre 15 e 18 anos. A partir dessa experiência de estágio, formulou-se o seguinte problema de pesquisa: quais fatores contribuem para a juvenilização na EJA?

Para responder a esse/a problema/pergunta de pesquisa, foi traçado o seguinte objetivo geral: discutir os fatores que contribuem para a juvenilização na EJA; e os seguintes objetivos específicos: identificar os fatores que estão causando o aumento de jovens na EJA; traçar o perfil desses alunos jovens na EJA; analisar os impactos do processo de juvenilização da EJA para o processo de aprendizagem destes estudantes.

Para compreender o fenômeno da juvenilização na EJA, realizou-se esta pesquisa, que teve como opção metodológica a abordagem qualitativa, do tipo pesquisa de campo. Segundo Gil (2002, p. 17), “pode-se definir pesquisa como o procedimento racional e sistemático que tem como objetivo proporcionar respostas aos problemas que são propostos”. De acordo Prodanov e Freitas (2013), a abordagem qualitativa, através da pesquisa do tipo de campo, consiste na busca de informações acerca do problema para o qual se procura resposta, e pretende exprimir, na interpretação dos fenômenos, a atribuição de significados do processo em questão.

A pesquisa teve como cenário duas escolas da rede municipal de ensino na cidade de Barreiras, região Oeste do estado da Bahia, sendo que, em uma das escolas, a turma pesquisada foi EJA no turno vespertino, e, na outra, também uma turma de EJA, mas do noturno. Os sujeitos da pesquisa foram alunos jovens das turmas de EJA II, além de dois professores e dois coordenadores pedagógicos. No que diz respeito aos instrumentos de coleta de dados, foram utilizados questionário e grupo focal para os alunos, e entrevista semiestruturada para os professores e coordenadores pedagógicos.

A realização desta pesquisa trouxe dados de extrema importância, pois suscita debates a respeito desse novo fenômeno que está acontecendo na EJA, apontando para como a escola está lidando com essa mudança do perfil dos alunos dessa modalidade, e para o que a escola está fazendo para entender e ajudar esses jovens, uma vez que se trata de um contexto educacional e social. É um tema que intriga muitos professores e pesquisadores que desejam entender o que está levando esses adolescentes a saírem/repetirem os anos regulares e irem para a EJA.

Este trabalho sinaliza as principais causas desse novo fenômeno, a juvenilização. Uma das causas que apresenta mais intensidade é a reprovação em outras modalidades de ensino, não só uma, mas duas ou mais vezes. Tais reprovações estão relacionadas a

implicações pedagógicas; contudo, sabe-se que os problemas externos à escola também interferem no desenvolvimento escolar do aluno. Outro ponto a destacar é o fato de os alunos terem a necessidade do trabalho.

## **2 Organização pedagógica para uma formação crítica**

Falar sobre a EJA é falar além da alfabetização, pois refere-se a sujeitos heterogêneos que, por diversas circunstâncias, foram impedidos de ter o acesso ao mundo letrado, e que, por esse motivo, muitos foram excluídos da participação social. Através do movimento popular, a EJA sofreu algumas transformações, e a maior fonte inspiradora foi Paulo Freire, que enfatizava que “uma educação deve preparar, ao mesmo tempo, para um juízo crítico das alternativas propostas pela elite, e dar a possibilidade de escolher o próprio caminho” (Freire, 1979, p. 12).

A educação voltada para esses jovens e adultos, que, muitas vezes, passam o dia todo trabalhando e que, depois, vão para o terceiro turno na escola, não deve ser um ensino mecânico e conteudista; também nessa modalidade, o educando não deve ser considerado como um objeto, mas, sim, como sujeito do seu processo de aprendizagem.

A EJA é uma modalidade garantida a todo cidadão que não teve a oportunidade de concluir o ensino básico no tempo certo, apresentando, portanto, distorção idade-série. A intenção é que esse sujeito tenha o pleno exercício da cidadania e acesso ao mundo do trabalho, assim firma a LDB (Lei nº 9.394/1996) Art. 2º: “a educação, dever da família e do Estado, inspirada nos princípios de liberdade e nos ideais de solidariedade humana, tem por finalidade o pleno desenvolvimento do educando, seu preparo para o exercício da cidadania e sua qualificação para o trabalho” (Brasil, 1996, p. 08).

A educação desenvolvida para o público acima citado deve ser bem estruturada, e a metodologia diferente das que são desenvolvidas para as crianças. As pessoas que fazem parte dessa modalidade de ensino têm, já, muitas vivências e, por isso mesmo, o ensino deve estar relacionado com a sua realidade, com o seu cotidiano, estimulando a criticidade com relação à política, à cidadania, à saúde, aos valores éticos, aos direitos e deveres etc.

Consoante Freire (1987, p. 41), “a educação problematizadora se faz, assim, um esforço permanente através do qual os homens vão percebendo, criticamente, como estão sendo no mundo com que e em que se acham”. Fica claro, nessa citação, que a educação deve ser problematizadora, desafiadora, em suma, o oposto da educação bancária. O educador tem a responsabilidade de produzir caminhos para que o educando tenha a possibilidade de criar consciência da realidade em que vive.

O educador problematizador re-faz (SIC), constantemente, seu ato cognoscente, na cognoscibilidade dos educandos. Estes, em lugar de serem recipientes dóceis de depósitos, são agora investigadores críticos, em diálogo com o educador, investigador crítico, também (Freire, 1987, p. 40).

É possível compreender, através da citação, que entre o educador e o educando deve existir o diálogo, a comunicação, e, assim, o docente passará a criar possibilidades para o educando construir seu conhecimento. Também devem ser levadas em consideração as experiências de vida, já que muitos não tiveram o seu direito à educação garantido na idade adequada, pois tinham que trabalhar. São histórias de mulheres que não tinham o direito de aprender a ler e escrever, de jovens que não concluíram a educação básica e que, pela necessidade de trabalhar, resolvem voltar à escola; pessoas com essas e também com muitas outras condições são as que formam as turmas de EJA.

Tendo isso em vista, a escola deve ser acolhedora e convidativa para que os alunos se sintam estimulados a continuar seus estudos, o que é um direito de todo cidadão. É necessário que o educador tenha flexibilidade para lidar com uma turma tão heterogênea, e, da mesma forma, é imperativo que a escola ofereça uma educação de qualidade para o pleno desenvolvimento dos jovens e adultos como cidadãos.

A escola torna-se um espaço importante para os alunos da EJA, pois é por meio dela que todos podem adquirir ferramentas para abrir caminhos, mudando a realidade de cada um. Sendo assim, o espaço escolar deve viabilizar caminhos que propiciem um melhor diálogo com alunos da EJA, que têm um perfil diferente de alunos crianças e adolescentes. A organização pedagógica precisa conhecer o seu público jovem e adulto para desenvolver propostas pedagógicas que atinjam as necessidades dos mesmos. Tanto o corpo docente quanto a gestão da escola devem estar preparados para o atendimento desse público jovem e adulto.

A juventude brasileira corresponde a um público heterogêneo e, por isso, a organização da escola deve fortalecer os canais de comunicação entre os diversos integrantes da escola para ampliar a participação desses jovens estudantes, e melhorar, assim, o desempenho escolar. Nessa perspectiva, Corti e Souza (2012) ressaltam que se deve definir a natureza da intervenção como

mobilização e participação dos estudantes, abertura para a manifestação de elementos da cultura juvenil, elaboração de novas estratégias de aula, mudança nas estruturas de gestão e no processo de tomada de decisão. Assim, pretende-se mostrar que não há um único caminho para a construção de uma aproximação entre a escola e o mundo juvenil, nem tampouco uma única dimensão para esse trabalho (Corti & Souza, 2012, p. 33).

Tendo em vista este olhar, a organização escolar é responsável por viabilizar esse caminho pedagógico, provocando o aluno a ser mais participativo e ativo na escola. Isto faz da gestão uma gestão democrática, visto que está previsto na LDB (Lei nº 9.394/1996) que “são os sistemas de ensino que definirão as normas da gestão democrática, sendo participantes os profissionais da educação e as comunidades escolares” (Brasil, 1996).

É importante que a gestão pedagógica tenha iniciativa em viabilizar condições para os alunos se identificarem como sujeitos ativos no seu papel como cidadãos e estudantes possuidores de direitos e de deveres.

### **3 A crescente juvenilização na EJA**

Inicialmente, a EJA era uma educação especificamente para adultos, com o objetivo de erradicar o analfabetismo no Brasil, visto que muitas pessoas eram obrigadas a deixar os estudos para ajudar no sustento da família; outras não tiveram sequer a oportunidade de iniciar os estudos. Hoje, é possível notar a construção de uma nova identidade dessa modalidade, que se dá pelo crescimento de jovens matriculados na EJA.

De acordo com o Estatuto da Criança e do Adolescente ECA, no Art. 2º, “considera-se criança, para os efeitos desta lei, a pessoa até doze anos de idade incompletos, e adolescente aquela entre doze e dezoito anos de idade”.

Segundo os dados do INEP 2016, no município de Barreiras – BA, o número de jovens na EJA entre 15 e 17 anos de idade é de 604, enquanto o número de adultos de 40 anos ou mais de idade é de apenas 195.

Esse número elevado de jovens na EJA é causado por diversos motivos. A pesquisa “Juventude, Juventudes: o que une e o que separa” aponta os seguintes motivos como sendo os principais que levam os jovens a deixarem de frequentar as escolas: oportunidade de emprego (27,2%); dificuldade financeira (14,1%); gravidez (11,2%); mudança de faixa etária (5,7%); dificuldade de aprender (5,4%); por não gostar de estudar/não ter interesse (3,8%); doença (2,5%); reprovação (1,9%); falta de vagas (1,5%); casamento (1,2%); problemas familiares (0,9%); distância (0,9%); concluiu ensino fundamental (0,1%); outros motivos (10,6%) (Unesco, 2004 *apud* Abramovay & Castro, 2006).

Por meio desses dados, percebe-se que os principais motivos que influenciam os jovens a deixarem os estudos estão relacionados às situações socioeconômicas. Muitos, devido a dificuldades financeiras, deixam de estudar para trabalhar; outras, por gravidez precoce, sendo que, na maioria, são meninas solteiras sem condição de estudar, trabalhar e criar a criança; outros casos estão relacionados às implicações pedagógicas, como dificuldade de aprendizagem, falta de interesse nos estudos, reprovação e mudança na faixa etária.

Além disso, Andrade (2006, p. 30) afirma que,

em torno da ideia de juventude, podem ser feitas muitas interpretações. Aqui, entretanto, estaremos falando de características importantes que perpassam o perfil dos jovens da EJA. Eles têm em comum o fato de carregarem a marca da pobreza e de, exatamente por esse motivo, não terem a possibilidade de realizar uma trajetória educativa tradicionalmente considerada satisfatória. São jovens que, por uma série de motivos, precisaram abandonar a escola; vivem em periferias, favelas, vilas e bairros pobres, principalmente nas grandes cidades; são majoritariamente negros; circulam no espaço escolar um —incansável número de vezes, com entradas, saídas e retornos, após o período estabelecido como o próprio para a vida escolar.

De acordo com a afirmação acima, é possível compreender qual é o público jovem que compõe as turmas de EJA. A maioria desses jovens vive à margem da sociedade. A educação, que é um direito de todos, acaba sendo deixada de lado; isso acontece devido às necessidades básicas de sobrevivência.

Em virtude do aumento de adolescentes na modalidade da EJA, já existem escolas com turmas no turno vespertino, sendo a maioria frequentada por jovens. Assim, com todos os dados apresentados, é possível visualizar alguns dos motivos para a juvenilização da EJA.

#### 4 Perfil e faixa etária dos alunos jovens na EJA

A EJA tem ganhado, a cada dia, como já foi dito, um novo perfil de aluno. Jovens têm procurado matricular-se nas turmas da EJA. Para Corti e Souza (2012, p. 7), “as palavras juventude e adolescência têm significados distintos, ainda que pressupostos”.

A categoria jovem está entre a faixa etária de 15 a 24 anos de acordo com a Organização das Nações Unidas (ONU). É nessa fase que o indivíduo está se preparando para responsabilidades de auto independência e amadurecimento para o exercício da vida adulta.

De acordo com Corti e Souza (2012, p. 7),

No Brasil, a definição da faixa etária [que] corresponde à juventude encontra-se em debate no Congresso Nacional.

A proposta de Estatuto da Juventude aprovada pela Câmara Federal em outubro de 2011 mantém a definição dada pela Lei no 11.129, 30 de junho de 2005 ao criar a Secretaria Nacional de Juventude – SNJ: considera jovem as pessoas com idades entre 15 e 29. O estatuto propõe ainda a adoção de seguinte nomenclatura:

I - jovem adolescente entre 15 e 17 anos;

II - jovem - jovem entre 18 e 24 anos:

III - jovem adulto entre 25 a 29 anos.

No Brasil, os jovens e adolescentes na EJA têm apresentado um mesmo perfil: muitos deles são negros e pardos vindos de famílias de baixo nível socioeconômico. Devido a percalços sociais, esses jovens têm abandonado os estudos, normalmente para trabalhar, e/ou são reprovados por estarem desestimulados. Tudo isso tem levado ao grande aumento desses alunos jovens e adolescentes, que procuram por vaga na EJA, caracterizando, assim, um novo perfil de aluno na referida modalidade.

Esses jovens, entretanto, são sujeitos de cultura, possuem uma identidade e, assim, manifestam a sua realidade. Arroyo (2017, p. 252) afirma que

a ironia de suas letras reflete um mecanismo de defesa. Reflete como pensam a sua história social e como se pesam nessa história. Em suas cruas vivências, a ironia e até o humor deve propiciar-lhe força e autodefesas. Porém, há momentos em que não há lugar nem para o humor, e a ironia e as letras revelam a crueldade vivida. Todas as letras cruas ou irônicas refletem uma postura nunca vista como própria da condição juvenil.

Na citação acima, Arroyo (2017) fala sobre a forma de manifestação desses jovens que vivem à margem da sociedade, que sofrem com a abissal desigualdade. São jovens que mostram as suas vivências através de “seus gestos, seus grafites, suas letras [, que] carregam uma crítica irônica, uma sabedoria sobre essa crueldade social”. (Arroyo, 2017, p. 251 - 252). Vivemos em tempos em que esses jovens são conscientes da sua realidade e buscam por uma vida mais digna.

Os estudos dessa juventude destacam que suas letras revelam uma juventude não alienada do presente, antes aberta, sensível, resistente, interrogante sobre o presente. Mostram-se na contramão da visão que os pensa apáticos, alienados, apolíticos, e até sem interesse pelas lições dos seus mestres (Arroyo, 2017, p. 252).

10

São através dessas manifestações e discussões, debates e diálogos, que se conhecem esses jovens, que querem o seu direito à educação garantido, educação esta que seja de qualidade, haja vista que os mesmos não são alienados; pelo contrário, são sujeitos críticos, que querem sair da condição em que se encontram, que lutam diariamente para ter melhores condições de vida.

São jovens que possuem uma vivência forte, pessoas com baixo nível socioeconômico e que, por viverem em situações difíceis, acabam seguindo caminhos “complicados”. Muitos desses jovens que estão na EJA já tiveram amigos envolvidos com drogas ilícitas, crimes, amigos que passaram por medidas socioeducativas, ou que foram mortos em consequência do tráfico, de assalto etc. O envolvimento com a criminalidade acontece por motivos de desigualdade, por já serem interpretados como delinquentes; alguns se envolvem com o mundo do crime, porque sabem que, ali, pode-se encontrar, mesmo que por curto período, o respeito, o poder, dinheiro rápido etc. São coisas que eles não encontram na sociedade, porque são pobres e negros/pardos, discriminados pela cor, pela condição econômica e até mesmo pelo bairro onde moram. Por estes fatos, esses jovens não têm as mesmas oportunidades que os jovens mais favorecidos têm.

São jovens que possuem muitos sonhos, porém poucos os realizam. Suas realidades, a falta de oportunidade, a discriminação, a meritocracia, tudo isso acaba frustrando-os, haja vista que os jovens com menos capital cultural competem com os de maior capital cultural, seja para trabalho seja para ingresso na universidade. Para esses jovens, realizar um sonho não é impossível, mas a desigualdade torna essa realização mais difícil, fazendo com que, inclusive, o direito à educação, que é um direito de todos, tenha sua garantia diferenciada ou mesmo negada para diversos segmentos sociais.

Além das desigualdades que esses jovens enfrentam, pode-se perceber, ainda, que eles têm a carência afetiva, que lhes falta diálogo com os pais, que mesmo sofrem a ausência dos pais, a violência, as dificuldades financeiras, situações que influenciam no comportamento, nas atitudes, nas “escolhas”, na forma de pensar desses jovens.

## **5 Percurso metodológico**

Este trabalho foi desenvolvido a partir de uma metodologia de pesquisa de abordagem qualitativa do tipo de campo de acordo com Prodanov e Freitas (2013). A pesquisa qualitativa exprime, na interpretação dos fenômenos, a atribuição de significados do processo em questão.

Participaram, enquanto sujeitos da pesquisa, alunos mais jovens de turma da EJA II, de duas escolas públicas da rede municipal da cidade de Barreiras-Bahia. Através desses participantes, buscamos compreender o fenômeno da crescente juvenilização da EJA; a escolha dos participantes da pesquisa foi feita de acordo com os objetivos que pretendíamos alcançar. Utilizamos, como instrumento de coleta de dados, a entrevista semiestruturada com os professores e coordenadores, e questionário e grupo focal com os alunos da EJA, realizando uma observação *in loco*.

## **6 O processo da juvenilização da EJA: fatores que contribuem para esse fenômeno**

O número de jovens-adolescentes na EJA está crescente. Comparando a quantidade de alunos matriculados na EJA no ano 2016 e 2017, ano de realização da pesquisa, percebe-se que houve o aumento de adolescentes. De acordo com os dados do

INEP de 2016, o número de alunos matriculados na EJA no município de Barreiras com idade entre 15 a 17 anos era de 604, e na idade de 18 a 19, de 370. Já os dados referentes ao ano de 2017 mostram que o número de matriculados na EJA com a idade de 15 a 17 anos passou a 626, e de 18 a 19 anos, a 353. No ano de 2018, o número de jovens matriculados nessa modalidade de educação na idade de 15 a 17 anos era de 562, e na idade de 18 a 19 anos, 416 alunos. Já no ano de 2019, o número de matriculados com a idade de 15 a 17 foi de 449, e na idade de 18 a 19 foi de 374.

Através dos, dados nota-se que o número de adolescentes na idade de 15 a 17 anos aumentou. Caso seja comparado o número de adolescentes com o número de adultos e idosos, nota-se que a diferença é bastante significativa. No ano de 2017, por exemplo, enquanto o número de adolescentes de 15 a 17 anos matriculados na EJA era de 626, o número de adultos com a idade de 35 a 39 anos era de 118 matriculados.

Participaram da pesquisa duas turmas de EJA, uma no vespertino e outra no noturno, em escolas diferentes. Essa escolha referente ao turno foi proposital, pois se trata de alunos com perfis diferentes. Para obtenção de informações sobre quais as causas da juvenilização da EJA, usou-se, para coleta de dados, o grupo focal e um questionário; para os dois professores e dois coordenadores, utilizou-se a entrevista.

O grupo focal foi iniciado com a dinâmica “teia de aranha”, em que os alunos se apresentaram falando os seus nomes, idade, e alguns disseram o que gostavam de fazer. Este momento foi realizado para que os alunos pudessem se sentir mais à vontade. Depois da dinâmica, os mesmos assistiram ao documentário “Nunca me sonharam”, que mostra vários relatos de jovens que vivem em regiões diferentes, falando sobre seus itinerários pela escola e pelo trabalho. Logo após o documentário, foi aberto diálogo com os alunos a respeito do vídeo e, por fim, mostrou-se uma apresentação de slides com depoimentos de outros alunos. Em outro momento, foi aplicado o questionário.

Com relação à turma do vespertino, que é composta por adolescentes, notou-se, através do questionário e do grupo focal, que todos, com exceção de um aluno, já foram reprovados:

Nunca repeti	1 aluno (a)
Sim, 1 vez, na escola atual	2 alunos (as)
Sim, 1 vez, em outra escola	2 alunos (as)

Sim, 2 vezes ou mais	14 alunos (as)
----------------------	----------------

Fonte: Dados da pesquisa

Tabela 2 – Quantas vezes foi reprovado (Turma noturno)

Nunca repeti	0 aluno (a)
Sim, 1 vez, na escola atual	3 alunos (as)
Sim, 1 vez, em outra escola	5 alunos (as)
Sim, 2 vezes ou mais	6 alunos (as)

Fonte: Dados da pesquisa

Observando os dados, fica notório que um dos motivos que contribui para a juvenilização na EJA é o número elevado de alunos reprovados, não só uma, mas duas ou mais vezes. O fato de serem reprovados duas ou mais vezes fez com que esses alunos ficassem com distorção idade-série. Por isso, tiveram que ir para a EJA. Os alunos têm que mudar do ensino regular para a modalidade da EJA; em caso contrário, o município não recebe o recurso do Fundo de Manutenção e Desenvolvimento da Educação Básica (FUNDEB) referente àquele aluno.

Foi investigado, também, sobre a causa dessas reprovações, pois existem diversos fatores que podem contribuir para esses alunos repetirem tantas vezes.

Tabela 3 – Motivos de reprovação (Turma vespertino)

Não conseguiu entender a matéria	9 alunos (as)
Não estudou o suficiente	8 alunos (as)
Dificuldade de organizar os estudos	7 alunos (as)
Problemas familiares	5 alunos (as)
Os professores foram injustos	4 alunos (as)
Os professores não explicavam bem a matéria	4 alunos (as)
A escola foi exigente demais	4 alunos (as)
Ficou doente	3 alunos (as)
Dificuldade em matemática	1 aluno (a)
Faltou muito e perdeu um 2 matérias	1 aluno (a)
Matava muita aula e atentava demais	1 aluno (a)
Teve que cuidar de um parente	1 aluno (a)
Parou de estudar porque não queria estudar em escola pública	1 aluno (a)
Matava muita aula	1 aluno (a)

Fonte: Dados da pesquisa

Tabela 4 – Motivos de reprovação (Turma noturno)

Ficou doente	1 alunos (as)
Problemas familiares	2 alunos (as)
Dificuldade de organizar os estudos	6 alunos (as)

Não conseguiu entender a matéria	5 alunos (as)
Os professores foram injustos	2 alunos (as)
Não estudou o suficiente	8 alunos (as)
Os professores não explicavam bem a matéria	5 alunos (as)
Matava muita aula e atentava demais	1 aluno (a)
Mudança de cidade	1 aluno (a)

Fonte: Dados da pesquisa

Percebe-se que as principais razões que motivaram as reprovações possuem implicações pedagógicas: dificuldade em entender a matéria, não estudou o suficiente, dificuldade em organizar os estudos e, também, problemas familiares. Através da entrevista, a professora Catarina (turma vespertina) afirma que, “[...] às vezes, e muitas vezes, a escola deixa de ser um atrativo para eles, [...] de repente, não tem uma mãe, um pai, uma família que incentive”.

Esses jovens [...] demandam redes sociais de apoio mais amplas, com políticas públicas que contemplem em todas as dimensões, desde a sobrevivência até o acesso aos bens culturais. O primeiro desafio para nós educadores é ampliar a nossa reflexão para fora dos muros escolares e buscar saídas no jogo das forças sociais (Dayrell, 2011, p 65).

14

Um ponto que a professora destaca é o fato de a escola ser pouco atrativa para os alunos. Com a citação acima, entende-se as necessidades que a juventude demanda nas escolas. A tecnologia avança cada vez mais, lança inúmeros produtos de comunicação que chamam a atenção, principalmente dos jovens. Todos os dias, há um “bombardeamento” de informações de todas as formas, enquanto a escola, aqui no Brasil, ainda caminha a passos lentos, tanto no que diz respeito à formação para os professores quanto no investimento em estrutura da escola e em produtos tecnológicos. Isso gera uma defasagem, porque os alunos de vinte anos atrás ou, menos ainda, de dez anos atrás não são iguais aos alunos de hoje; os interesses, pensamentos e realidades são diferentes, o que exige mudanças na educação.

Além da reprovação, existem outros motivos para esses alunos estarem com essa distorção de idade-série:

“Desisti três anos, já! Parei porque foi necessário e porque eu quis, também” (Luan, 16 anos, aluno do vespertino).

“Eu fiquei um ano sem estudar porque não queria estudar em escola pública, porque desde pequenininha eu estudava em escola particular, aí quando eu cheguei em Barreiras, ela (mãe) não teve condições de pagar uma escola particular. Aí, quando eu fui morar com meu pai, eu voltei a estudar, mas na escola pública” (Ana, 16 anos, aluna do vespertino).

“Fui reprovado por matar aula” (Saulo, 17 anos, aluno do vespertino).

“Eu já estudei na mesma sala de minha mãe, na turma de EJA do ano passado, à noite. Ela passou e eu reprovei” (João, 16 anos, aluno do vespertino).

“Eu brincava demais” (Raul, 16 anos, aluno do vespertino).

Através da transcrição de falas dos alunos do vespertino, coletadas no grupo focal, evidencia-se que a maioria foi reprovada por motivos pedagógicos, como dificuldades em determinadas disciplinas, por não estudar o suficiente, e também por falta de compromisso, já que “brincavam” demais. Contudo, nenhum dos alunos do turno vespertino afirmou ter sido reprovado ou ter parado de estudar para trabalhar.

A turma do noturno, ao contrário da turma do vespertino, que é composta por adolescentes, é um pouco mais heterogênea, pois tem alunos com idade entre 15 e 40 anos. Mas, ainda vale ressaltar, a maioria é composta por jovens-adolescentes. Assim sendo, na fala dos alunos do noturno, nota-se que, além das reprovações, muitos estão na EJA pela distorção idade-série causada pela repetência; outros alunos afirmam que tiveram que parar de estudar para trabalhar.

“Eu repeti porque desistia por causa do trabalho. Antes de eu parar, nunca tinha repetido, não; mas, quando resolvi estudar à noite...” (Marcos, 19 anos, aluno do noturno).

“Isso é o caso de muitos, eu mesmo sou prova disso. Todos os anos, praticamente. Hoje não, porque eu já saí da firma, aí não viajo mais. Não tinha tempo de ficar na cidade...” (Pedro, 21 anos, aluno do noturno).

“Parei para trabalhar” (Valter, 23 anos, aluno do noturno).

Sobre o fenômeno da juvenilização, a coordenadora pedagógica Marta afirma, na entrevista, que é a “necessidade de mercado de trabalho [...] qualquer pessoa tem que ter pelo menos segundo grau, mas o contrário é porque a evasão é grande, também. No Brasil inteiro, os dados mostram isso”.

De acordo com o relato dos jovens e com a afirmação da coordenadora, entende-se que há um consenso na fala de ambos, visto que a evasão existe nas turmas de EJA, principalmente por motivo de trabalho, pois fica difícil conciliar trabalho e escola, já que muitos alunos trabalham em dois turnos e, à noite, ainda teriam o terceiro turno na escola. Dependendo do trabalho, os alunos acabam faltando muitas aulas, e, conseqüentemente, repetem o ano ou desistem de estudar naquele momento. Além

disso, hoje, a exigência para ter, pelo menos, o ensino fundamental e/ou ensino médio completo é decisiva para tentar um emprego formal (isto é, quando conseguem um emprego formal).

Voltando do trabalho para a EJA á procura de entender-se, de saber-se, os saberes do currículo e de cada área do conhecimento se enriquecerão se privilegiarem a sua condição de trabalhadores/as, as suas vivências do trabalho seus saberes sobre o trabalho e os processos de formação nas vivencias do trabalho (Arroyo, 2017, p. 46).

Arroyo (2017) destaca a importância de reconhecer os jovens e adultos da EJA como trabalhadores, e a importância de reconhecer o trabalho como formador, pois esses alunos trazem consigo essa identidade social. Através da pesquisa, identificou-se que muitos alunos do noturno são trabalhadores e que, por esse motivo, pararam de estudar por um tempo. Esse período em que estiveram sem frequentar a escola não significou parar de se formar, de ler o mundo, de viver.

Levando em consideração que o trabalho é o princípio educativo da formação humana, e que os alunos formam identidades e valores através do trabalho, é fundamental que os professores valorizem esses saberes, essa formação, que dialoguem com seus alunos sobre os seus itinerários pela escola e pelo trabalho, sempre respeitando essas bagagens que os educandos trazem das suas vivências, seja criança, adolescente, jovem, adulto ou idoso.

## **7 A perspectiva do futuro dos alunos jovens na EJA**

A juventude é uma etapa da vida onde o ser humano se depara com a transição entre a infância e a fase adulta, com decisões e responsabilidades que produzem, muitas vezes, inseguranças. Porém, é uma etapa da vida durante a qual a mistura de sentimentos e sensações são mais pontuais, visto que se encontram também em momento de expectativas e emancipação.

Para conhecer mais um lado do perfil desses alunos jovens da EJA, durante o grupo focal, foi exibido, como já foi dito, um documentário chamado “Nunca Me Sonharam”, que retrata a sensível imagem da realidade dos jovens das escolas públicas brasileiras, marcada pela evasão e pela distorção idade-série. Todos alunos do vespertino e do noturno participaram do grupo focal e assistiram ao documentário. O

objetivo de reproduzir o documentário para os alunos pesquisados consistia em provocá-los acerca da realidade dos jovens, e assim fazer com que os mesmos se identificassem ou não com as cenas assistidas por eles, podendo, esses efeitos individuais, ser externados pelos estudantes.

Após a reprodução do documentário, os alunos do vespertino foram indagados sobre qual tema tratado no vídeo, e sobre o que eles puderam compreender de seu conteúdo. Um dos alunos respondeu: “Fala da história de muitos de nós, que trabalhamos, que tentamos escolher o trabalho e a escola, né? Tem muito esforço para escola, chegamos muito cansados...”. Esta é a condição vivenciada pelos jovens da EJA, pela forma desigual e diversa em função da origem social, como os níveis de renda, disparidades socioeconômicas e as dificuldades encontradas no dia-a-dia. Trabalhar cedo, para esses jovens, é uma necessidade de sobrevivência.

Esses acontecimentos relevantes na vida dos jovens os tornam sensíveis e vítimas dos problemas sociais. Durante a conversa no grupo focal, os alunos foram questionados se têm medo ou receio de alguma coisa na vida, como abordou uma das entrevistadas no documentário. Um aluno respondeu: “Medo do futuro” (Emerson, 16 anos, aluno do vespertino); outro aluno disse: “Chegar a ter uma família e não ter condição de arrumar um emprego” (Charles, 18 anos, aluno do noturno). A fala de ambos mostra o medo e o sentimento de insegurança em relação ao futuro. As limitações econômicas dos jovens evidenciam o perfil do aluno pobre que busca a emancipação financeira.

Muitos desses jovens têm o desejo de um futuro melhor, e por isso estão nas turmas de EJA. Retornaram para a sala de aula ou continuam os estudos, mesmo repetentes, com distorção idade-série, porque pretendem mudar de vida. Um deles relatou: “Eu quero me dedicar mais aos estudos” (Tales, 16 anos, aluno do vespertino, na EJA). Eles têm consciência de que não devem deixar os estudos e que precisam dedicar-se mais para terem melhores chances no mercado de trabalho, visto que a educação é o caminho para a realização de mudanças. Alguns desses jovens, mais especificamente os que estudam à noite, precisam estar frequentes na sala de aula para manterem o emprego.

Todos esses jovens e jovens adolescentes têm sonhos, objetivos e perspectivas de vida. Durante o grupo focal, os mesmos foram questionados acerca da perspectiva de futuro:

“Quero fazer enfermagem” (Carlos, 16 anos, aluno do vespertino).

“Jogador de futebol” (Sergio, 16 anos, aluno do vespertino).

“Eu quero fazer faculdade de educação física” (Paulo, 17 anos, aluno do noturno).

“Meu objetivo é estudar, terminar os estudos, me profissionalizar, em alguma área, em algum serviço”(Marlon, 19 anos, aluno do noturno).

“Por mais que seja uma profissão simples, eu quero ser operador de máquinas” (Maicon, 19 anos, aluno do noturno).

Constata-se que os alunos da EJA têm sonhos e objetivos de futuro, porém não garantidos pelos mesmos, pela escola, pela família ou sociedade. Muitos desses jovens trabalhadores têm seus sonhos e perspectivas, mas como ressalta Arroyo (2007, p. 04), “o futuro se distanciou e o presente cresceu. Isso é muito típico das vivências do tempo da juventude popular”. Tudo isso por conta da necessidade de trabalhar e conciliar os estudos, sendo mais “importante” a urgência do agora. Por isso, nota-se que esses jovens retornam para a sala de aula para estudar e garantir o emprego. A probabilidade de alcançar os sonhos esperados torna-se pequena diante da necessidade de garantir o presente, que sufoca o futuro.

Por isso, é necessário que a escola reforce a importância desses jovens pensarem e planejem o futuro como metas a serem cumpridas com responsabilidades e dedicação, pois os mesmos serão o futuro da nação. Formar jovens reflexivos e com objetivos é construir uma nação sadia para o amanhã.

## **8 Considerações finais**

A EJA, no Brasil, configura-se, atualmente, com jovens-adolescentes que retornaram para os estudos ou que repetiram, por diversas vezes, séries em outras modalidades de ensino, e que, agora, se encontram na EJA. Isto não é necessariamente um ponto negativo, haja vista que a EJA foi criada para assegurar o acesso e a

continuidade dos estudos e a formação profissional do educando, como é garantido por lei.

A EJA foi conquistada pela força das lutas de brasileiros que buscam melhores chances de educação, de trabalho e, enfim, de cidadania; foi conquistada por meio dos movimentos sociais que sensibilizaram o país. Muitas leis foram criadas para regulamentar e garantir que a EJA seja desenvolvida para o pleno exercício da cidadania e qualificação para o trabalho. Porém, com o passar dos anos e transformações sociais, esse público jovem, adulto e idoso está diminuindo e crescendo o número de jovens adolescentes na modalidade EJA. Isso ocorre pelas desigualdades sociais que têm interferido nas “opções” essenciais das famílias que precisam que seus jovens “optem” por trabalhar e, assim, complementar a renda familiar. Por meio desta pesquisa, pode-se verificar que os jovens adolescentes da EJA comprometem seus estudos, “escolhendo” ir em busca de trabalho, o que ocasiona também dificuldades de aprendizagem, falta de interesse nos estudos e, conseqüentemente, reprovações.

Esta pesquisa procurou discutir os fatores que estão causando a juvenilização na EJA. Para isso, realizou-se o grupo focal, os alunos assistiram ao documentário “Nunca me sonharam”. No momento em que os alunos assistiam a este documentário, foi possível notar, a partir de olhares e comportamentos, que muitos se identificavam e/ou concordavam com os depoimentos.

No início do grupo focal, houve uma certa “timidez” por parte dos alunos no que diz respeito a falar sobre seus itinerários pela escola e/ou pelo trabalho. Todavia, através dos diálogos, aos poucos, os alunos foram falando, participando mais. É perfeitamente compreensível que, em determinados momentos, os alunos não queiram falar da sua vida escolar, que tenham certa resistência, pois se trata das suas histórias “particulares”. Seriam necessários mais tempo e aproximação com os alunos para que eles realmente se sentissem confortáveis para falar dos seus itinerários. Além dos dados obtidos através do grupo focal, também foram usados o questionário e a entrevista, que muito contribuíram na produção de informações.

Mediante a coleta de dados e das análises, constatou-se que tem sido alto o índice de alunos entre 15 e 19 anos que deixam a escola para trabalhar, e retornam à sala de aula por exigências do emprego ou do empregador. Esse traço é ainda mais forte nos

alunos que estudam à noite. Outros jovens abandonam os estudos por desmotivação, pois a situação financeira da família é irregular, o que causa muitas frustrações e descompromisso com os estudos e, por isso, acabam repetindo o ano, ou desistem de estudar, porque, naquele momento, a escola não é “interessante”.

É importante ressaltar que, enquanto nas turmas de EJA do noturno muitos alunos deixaram de estudar para trabalhar – e isso fez com que esses alunos ficassem afastados da escola por algum tempo e, em outros casos, houve reprovação devido à dificuldade de conciliar trabalho e escola –, nas turmas do vespertino, mesmo alguns trabalhando, foi relatado que nunca deixaram de estudar para trabalhar, sendo a reprovação escolar o maior motivo das suas entradas na EJA.

Ficou evidente, durante a pesquisa, que a maior parte desses jovens é de baixa renda e a maioria se considera parda. Este é, realmente, o perfil dos alunos da EJA, principalmente no que diz respeito à renda familiar. É razoável que um jovem que tem boas condições financeiras não esteja na EJA, muito menos que pare de estudar para trabalhar. A pobreza tem cor, raça, gênero e classe social!

O número de alunos adolescentes na EJA causa certo impacto nas turmas, gerando algumas demandas. Primeiro, que os professores e coordenadores devem pensar em propostas e metodologias que atendam essas demandas causadas pela diferença de idade e de objetivo também, pois os jovens querem trabalhar/continuar os estudos; no caso das pessoas mais velhas/idosos, o interesse maior está na satisfação do seu desejo de ser alfabetizado/letrado, de ter o seu direito à educação garantido, ainda que seja em uma idade avançada. Segundo, que podem existir determinados conflitos nas turmas, pois há a diferença de idade e, portanto, de comportamento e interesses (que são também distintos. Os jovens, devido à sua própria natureza, são mais agitados, conversam bastante, fazem “brincadeiras”, saem bastante da sala de aula, enquanto as pessoas mais velhas estão na sala de aula com a única intenção de aprender. Assim, essa diferença de comportamento, muitas vezes, causa desconforto entre ambas as partes, e o professor e coordenador precisam estar atentos, procurando a melhor solução para lidar com esses conflitos.

Nessa perspectiva, a escola que atende a esse público deve oferecer políticas pedagógicas que atendam esses alunos de forma adequada para minimizar o aumento desses adolescentes com distorção de idade-série.

De acordo com a pesquisa, é possível constatar que esses jovens estão passando pela EJA tendo apenas um preparo para o mercado de trabalho, ou seja, um diploma de conclusão do Ensino Fundamental e Médio. Mas é preciso muito mais do que isso, pois esses jovens precisam de um aprendizado que os levem a uma melhor participação democrática na escola e também fora dela; precisam experienciar, na escola, mais momentos de provocação de pensamentos crítico-reflexivos.

A necessidade dos sujeitos da EJA mudou, porque seu público é diferenciado. Nesta linha, observa-se que os jovens da EJA são sujeitos que demandam de um olhar projetado em seu contexto social e biológico, pois o objetivo dos jovens é de uma formação que transforme sua realidade, não os deixando alienados à e vítimas da realidade que e em que vivem.

Outro ponto importante a ser destacado é a necessidade de políticas públicas que sejam direcionadas à juventude pobre do país, pois somente a escola não pode sozinha diminuir o aumento de alunos jovens adolescentes na EJA. É dever da escola proporcionar suporte pedagógico de formação e educação para o indivíduo; porém, para que as mazelas da sociedade não impossibilitem o pleno exercício de cidadania, é importante que existam políticas públicas eficientes que contemplem os problemas da sociedade.

Pelo exposto, a pesquisa foi de grande relevância, já que nos aproximou da realidade escolar, mais especificamente na EJA. O diálogo com os jovens proporcionou um momento riquíssimo, possibilitando entender, parcialmente, a realidade das escolas, dos alunos, de professores e de coordenadores que trabalham com a EJA. A partir desses estudos, foi possível compreender que os alunos da EJA, assim como os de outros níveis e modalidades de educação, são sujeitos de direito à educação, ao trabalho, a uma vida digna e justa.

## Referências

- Andrade, Eliane Ribeiro (2006). Os jovens da EJA e a EJA dos jovens. Caderno da EJA. In: Oliveira, Inês Barbosa de & Paiva, Jane (Org.). *Educação de jovens e adultos*. Rio de Janeiro: DP&A, p. 27-31.
- Arroyo, Miguel G. (2007). Balanço da EJA: o que mudou nos modos de vida dos jovens-adultos populares? *REVEJA - Revista de Educação de Jovens e Adultos*, v. 1, n. 0, p. 1-108. ago.. Disponível em: <<http://mariaellytcc.pbworks.com/f/REVEJ@0MiguelArroyo.pdf>> Acesso em: 02. Set. 2018.
- Arroyo, Miguel G. (2017). *Passageiros da noite: do trabalho para a EJA: itinerários pelo direito a uma vida justa*. Petrópolis, RJ: Vozes.
- Brasil. (2000). Conselho Nacional de Educação. Parecer CEB nº. 11/2000. *Diretrizes Curriculares para a Educação de Jovens e Adultos*. Brasília: MEC.
- Brasil. (2001). *Estatuto da criança e do adolescente*: Lei n. 8.069, de 13 de julho de 1990, Lei n. 8.242, de 12 de outubro de 1991. – 3. ed.– Brasília: Câmara dos Deputados, Coordenação de Publicações.
- Brasil. (1996). *Lei de Diretrizes e Bases da Educação 9.394/96*. Brasília, DF: MEC.
- Brasil. (2010). Resolução CNE/CEB 3/2010. *Diretrizes Operacionais para a Educação de Jovens e Adultos*. Diário Oficial da União, Brasília, 16 de junho de 2010, Seção 1, p. 66.
- Brasil. (1996). Senado Federal. *Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional*: nº 9394/96. Brasília: Senado Federal.
- Carrano, Paulo César (2007). Educação de Jovens e Adultos e Juventude: o desafio de compreender os sentidos da presença dos jovens na escola “da segunda chance”. *Revista de Jovens e Adultos*, Belo Horizonte, v.1, p. 55-67. Disponível em: <<http://www.reveja.com.br>>. Acesso em 02. Dez. 2017.
- Corti, Ana Paula de Oliveira & Souza, Raquel. (2012). *Diálogos com o Mundo Juvenil: subsídios para educadores*. 2. ed. São Paulo: Ação educativa.

- Dairell, Juarez Tarcísio. (2011). *Dialogos na Educação de Jovens e Adultos. A Juventude e a Educação de Jovens e Adultos: reflexões iniciais – novos sujeitos*. 4. ed. –Belo Horizonte: Autentica Editora.
- Freire, Paulo. (1979). *Conscientização: teoria e prática da libertação: uma introdução ao pensamento de Paulo Freire*. São Paulo: Cortez & Moraes.
- Freire, Paulo. (1987). *Pedagogia do oprimido*. 17. ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra.
- Freire, Paulo. (2000). *Pedagogia da indignação: cartas pedagógicas e outros escritos*. São Paulo: Editora UNESP.
- Freire, Paulo. (1994). *Cartas a Cristina*. 4. ed. São Paulo: Paz e Terra.
- Instituto Nacional de Estudos e Pesquisas Educacionais Anísio Teixeira. (2017). *Sinopse Estatística da Educação Básica 2016*. Brasília: INEP. Disponível em: <<http://portal.inep.gov.br/sinopses-estatistica-da-educacao-basica>>. Acesso em: 09. Nov. 2017.
- Instituto Nacional de Estudos e Pesquisas Educacionais Anísio Teixeira. (2018). *Sinopse Estatística da Educação Básica 2018*. Brasília: INEP, 2019. Disponível em: <<http://portal.inep.gov.br/web/guest/sinopses-estatisticas-da-educacao-basica>>. Acesso em: 24. Set. 2020.
- Unesco. (2006). *Juventude, juventudes: o que une e o que separa/* coordenação de Miriram Abramovay e Mary Garcia Castro - Brasília: Unesco.
- Pedroso, R. R., Volpin, G. B. C., & Mazzeu, F. J. C. (2021). Vivências escolares de jovens em conflito com a lei na EJA: o significado social e o sentido pessoal da escola pública. *Pesquisa E Ensino*, 2(2), 202109. <https://doi.org/10.37853/202109>
- Prodanov, Cleber Cristiano & Freitas, Ernani Cesar de. (2013). *Metodologia do trabalho científico [recurso eletrônico]: métodos e técnicas da pesquisa e do trabalho acadêmico*. – 2. ed. – Novo Hamburgo: Feevale.